

## VISTA DA MINHA JANELA

Robin Jones Gunn

Estou em casa, de volta do hospital.  
Que semana difícil.  
O tumor era benigno.  
Estou "consertada".  
Dúzias de grampos de prata prendem minha carne.  
Lá fora as árvores estão começando a florescer.  
O gramado é todo verde.  
Pombos gorduchos andam empertigados no telhado da casa amarela de Sandra.  
Um esquilininho vivaz pára a todo momento na janela do meu segundo andar.  
Ele levanta as patas e aperta o nariz no vidro.  
Senta e observa, como uma criança espiando a vitrine de uma loja de brinquedos.  
O que ele vê?  
Os muitos ramos de flores?  
A cesta de cartões dos amigos, desejando-me boa sorte?  
O ventilador que gira no teto?  
A mulher pálida, encostada em travesseiros, que o vigia?  
Oh, ei-lo aqui agora  
Olá, meu amiguinho peludo.  
Ele arranha o vidro, olhando de um e de outro lado.  
Nas linhas telefônicas atrás dele, quatro pombas desfilam no fio como se estivessem num palco.  
Tudo que precisam é de guarda-sóis.  
E talvez uma noz assada para cativar meu amigo de cauda peluda, para que deixe de me olhar e passe a olhar para elas.  
Um corredor de camisa vermelha passa na rua, espantando as acrobatas e enviando-as para o telhado de Sandra do lado oposto da rua, onde seis delas agora caminham e arrulham.  
O mundo lá fora é ocupado.  
Tanta atividade.  
Tanta vicia. E aqui?  
Fecho Os olhos para dormir.  
Para aquietar minha alma.  
Para restabelecer-me.  
O perigo passou.  
Estou boa.  
E nunca terei outro filho.  
Aos 39 essas notícias não deveriam chocar-me.  
Uma amiga afirmou que deveria sentir-me aliviada.  
Mas, durante anos fiquei imaginando que talvez pudesse haver mais uma vida pequenina dentro de mim, esperando para nascer.  
Agora é evidente que a resposta é não.  
O que você está olhando sr.  
Esquilo? Nunca viu uma mãe chorando?